

KARINE ZIMMER DA SILVA

**GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Especialista em Gênero e Diversidade na
Escola (GDE).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Buss-Simão

FLORIANÓPOLIS

2016

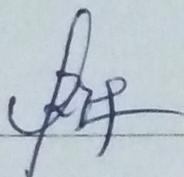
KARINE ZIMMER DA SILVA

**GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE
DIZEM OS DOCUMENTOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

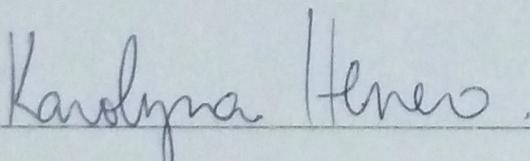
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

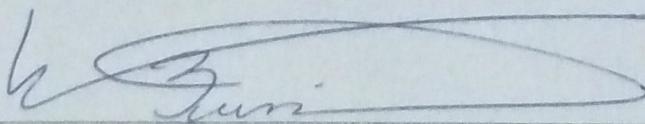


Olga Regina Zigelli Garcia

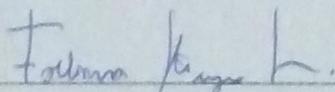
Banca Examinadora:



Karolyna Marin Herrera



Márcia Buss Simão



Fabiana Stringini Severo

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, às manifestações de energia do Universo que me permitiram encontrar esse caminho e que me deram força para que me mantivesse até o fim.

Ao meu amor, que foi paciente e parceiro, motivando a minha permanência no curso.

À minha família que me apoiou durante essa trajetória.

Aos companheir@s da turma Ângela Davis que me inspiraram e que me descontraíram em muitos momentos desses dois anos de curso.

Aos meninos e meninas que cruzaram o meu caminho e que de alguma forma provocaram a inquietude em mim.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Márcia Buss-Simão que voltou a fazer parte da minha trajetória acadêmica e que com muita clareza mostrou os caminhos a serem seguidos.

Aos tutores e toda equipe do GDE da UFSC.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa decisiva na minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa, em nível de especialização, teve como problemática e objetivo localizar nos documentos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis concepções a respeito de gênero, sexo e sexualidade. Para alcançar tal objetivo utilizou como metodologia a pesquisa documental qualitativa nos documentos selecionados a) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009); b) Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2012); c) Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015); lançando mão da Técnica de Análise de Conteúdo visando localizar e analisar as presenças e/ou ausências das palavras-chaves selecionadas para a busca nos documentos: crianças, meninas, meninos, diversidade, gênero, sexo, sexualidade, masculino, feminino, masculinidade, feminilidade, mulher e homem. Para as análises recorreremos aos referenciais teóricos de estudos de gênero e sexualidade, especialmente os que tratam dessa temática em contextos educativos. As análises indicam que algumas destas palavras são utilizadas para universalizar determinado sujeito e que a quantidade de vezes que cada palavra aparece nos documentos vem diminuindo seu uso de um documento para outro. O que fica evidente é que o uso das palavras denotam concepções e reproduzem estereótipos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Gênero. Sexualidade. Diversidade. Orientações Curriculares.

ABSTRACT

The present research, at the level of specialization, had the problem and objective to locate in the documents of the Municipal Network of Education of Florianópolis conceptions regarding gender, sex and sexuality. To achieve this goal, the methodology used was qualitative documentary research in selected documents a) National Curricular Guidelines for Early Childhood Education (2009); B) Curricular Guidelines for Early Childhood Education of the Municipal Education Network of Florianópolis (2012); C) Curriculum of the Early Childhood Education of the Municipal Education Network of Florianópolis (2015); Using the Content Analysis Technique to locate and analyze the presences and / or absences of the selected keywords for the search in the documents: children, girls, boys, diversity, gender, sex, sexuality, masculine, feminine, masculinity, femininity , woman and man. For the analysis, we have used the theoretical references of studies on gender and sexuality, especially those that deal with this issue in educational contexts. Analyzes indicate that some of these words are used to universalize a given subject and that the number of times each word appears in documents has been decreasing its use from one document to another. What is clear is that the use of words denote conceptions and reproduce stereotypes.

Keywords: Early Childhood Education. Genre. Sexuality. Diversity. Curricular Guidelines.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	OBJETIVOS.....	10
2.1	Objetivo Geral.....	10
2.2	Objetivos Específicos.....	10
3	HIPÓTESE DO ESTUDO.....	11
4	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
4.1	Educação Infantil: Breve Histórico e Função Social	12
4.2	Orientações Curriculares e Educação Infantil.....	16
4.3	Diferenças em contexto de educação infantil: Diversidade, gênero, sexo e sexualidade.....	19
5	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
6	GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS	25
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A - Palavras-chave de busca nos documentos orientadores	36

1. INTRODUÇÃO

A Infância, a criança e a educação infantil vem ao longo do tempo sendo campo para muitas pesquisas e discussões. A partir da redemocratização do país e das significativas mudanças na educação, questões como a educação infantil como direito das crianças vem se consolidando e tomando mais forma, buscando superar perspectivas de educação assistencialistas até então enraizados nesse nível da educação básica.

Também a concepção de criança como sujeito de direitos garantida na Constituição de 1988 e ratificada no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, faz da educação infantil um campo para grandes debates e questionamentos, ressignificando o que até então se pensava sobre a educação para crianças pequenas. Movida por todas essas conquistas e também necessidade de lutas para a garantia desses direitos optei, na minha formação em Pedagogia, pela área da educação infantil.

Atuar com crianças em contexto de educação infantil é um desafio rotineiro, pois lidamos com meninas e meninos de diferentes contextos, cada uma com a sua bagagem histórico-cultural, com seu ritmo e suas especificidades. Por isso, as propostas educativas precisam ser intencionalmente pensadas, de forma significativa e que consigam dar conta também de privilegiar as especificidades das crianças, mesmo em um contexto coletivo de educação.

Dessa forma, inquietações foram surgindo ao longo da minha trajetória como professora de educação infantil, criando novos questionamentos a partir do paradoxo entre a teoria e prática. Em particular passaram a despertar dúvidas e questionamentos situações que envolviam as relações de gênero e sexualidade, a exemplo de uma proposta em que as crianças podiam escolher uma fantasia para participar de uma brincadeira com luzes na parede, um menino de aproximadamente três anos escolheu um vestido da princesa Branca de Neve, cheio de brilho. Percebi que a escolha do menino despertou nas outras crianças alguns olhares de estranhamento. O que me causou mais desconforto foram as outras profissionais que atuam nessa unidade educativa fazerem piadas e rirem da escolha do menino. Tenho a concepção de que não é a escolha de uma fantasia, de um brinquedo ou brincadeira que vai

definir qual vai ser a orientação sexual ou identidade de gênero de uma criança, mas pelos risos e piadas de algumas profissionais é possível indicar que essa minha concepção não era compartilhada por elas e que suas ações cotidianas nesses espaços coletivos de educação consolidam e reafirmam estereótipos e preconceitos de gênero.

Outra situação envolvendo relações de gênero experienciada por mim foi quando fui corrigida por um menino (sexo biológico e gênero) de três anos e meio ao me referir a ele como menino ele me corrigiu dizendo que era uma menina. Na ocasião não soube o que falar e perguntei de novo, sendo que ele afirmou, “sou uma menina!”. Essas situações e outras mais levam a indagar como lidar com situações rotineiras que não constam ainda em nossos documentos orientadores? Dizem que devemos respeitar as diferenças, mas como vamos respeitar as escolhas das crianças se numa primeira dúvida, nós hesitamos e não sabemos o que e como responder?

Além das relações de gênero, as questões que envolvem a sexualidade, são ainda tabus, principalmente, no que diz respeito às crianças pequenas e precisam ser discutidas e legitimadas em documentos para que a nossa prática esteja embasada.

A partir de minhas angústias de dúvidas procurei localizar nos documentos como essas questões são anunciadas. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, vem ao longo dos anos, delineando sua função social e construindo documentos nos quais suas práticas estejam legitimadas. Especialmente, na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, os documentos mais recentes: Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2012) e Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015), foram estruturados tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009).

Numa leitura atenta desses documentos procurei localizar o que eles orientam às professoras de educação infantil a respeito das relações de gênero e referente a questões que envolvem a sexualidade e localizei, por exemplo, que os referidos documentos indicam ser necessário:

Garantir a igualdade no tratamento aos meninos e meninas da Educação Infantil; Romper com práticas (atitudes e linguagens) que reforçam modelos únicos de expressão do feminino e do masculino; Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores – rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 36)

Tendo em conta as dúvidas e inquietações vividas em meu percurso profissional e os documentos legais e orientadores para a educação infantil interessa-me aprofundar e compreender melhor como as relações de gênero e as questões que envolvem a sexualidade dos meninos e meninas são contempladas nos documentos. Para tanto defini como **problema de pesquisa** investigar se e como as temáticas gênero, sexo e sexualidade aparecem nos documentos da educação infantil orientadores da prática educativo-pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis?

A análise desses documentos visa localizar as presenças e ausências das discussões de gênero, sexo e sexualidade na primeira infância e suas implicações para a prática educativo-pedagógica das professoras que atuam com bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.¹

¹ Termo utilizado nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis de 2012, para fazer referência à faixa etária nas unidades de educação infantil: Bebês (0 a 1 ano e 11 meses), crianças bem pequenas (2 anos a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Analisar os documentos orientadores da educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, buscando localizar as presenças e ausências das discussões de gênero, sexo e sexualidade e suas implicações para a prática educativo-pedagógica.

2.2 Objetivos específicos:

- Localizar, nos documentos, as presenças e ausências das discussões sobre gênero, sexo e sexualidade;
- Examinar o contexto em que essas temáticas aparecem nos documentos;
- Refletir sobre as implicações dessas presenças e ausências para a prática educativo-pedagógica das professoras em contexto de educação infantil.

3. HIPÓTESE DO ESTUDO

A hipótese que move essa pesquisa é de que nos documentos orientadores da educação infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis há uma ausência de referências e discussões sobre sexo e sexualidade. Todavia, compreendemos que essas temáticas necessitam ser discutidas nas diferentes etapas da educação, desde a educação infantil, por isso devem estar presentes em documentos orientadores e nas orientações curriculares.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com o objetivo de analisar as temáticas: gênero, sexo e sexualidade, presentes e/ou ausentes nos documentos orientadores da educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e refletir sobre as implicações para a prática educativo-pedagógica das professoras em contexto de educação infantil, essa pesquisa recorre a autores/estudiosos que já abordaram tais temáticas, como: Simone Beauvoir (1967), Guacira Lopes Louro (2000) e Joan Scott (1990).

Considerando que a etapa da educação básica que será contemplada nessa pesquisa é a educação infantil, na sequência pretendemos apresentar conceitos sobre a educação infantil e currículo, no intuito de compreender o histórico e as concepções sobre currículo na educação infantil. Para isso consideramos necessário trazer os estudos de Ana Lúcia Goulart de Faria e Marina Silveira Palhares (2007), Eloisa Acires Candal Rocha (2007, 2010), Sonia Kramer, Ana Beatriz Cerisara (1999) e Moysés Kuhlmann Jr. (1999)

4.1 Educação Infantil: Breve Histórico e Função Social

Os primeiros registros que se tem sobre atendimento às crianças no Brasil, se restringiam numa perspectiva de educação assistencialista, que levava a submissão das crianças, principalmente das crianças pobres. A princípio, as creches e pré-escolas tinham um caráter assistencialista, visando somente o guardar a criança na falta da família.

A partir de 1970, com a entrada de mulheres no mercado de trabalho, as relações começaram a se modificar, o número de creches e pré-escolas aumentou. No entanto, as crianças de baixa renda, consideradas carentes, eram atendidas em creches ainda ligadas à assistência social. Já nos jardins de infância, as crianças provenientes de famílias de classe média eram atendidas e nesses jardins a educação não tinha o mesmo caráter compensatório do atendimento realizado nas creches.

Nesse percurso histórico, até 1974, não se tinha uma política de educação infantil. Desde este ano, cria-se uma política educacional para atendimento nas creches. A partir dessa política, essa forma de atendimento às crianças de 0 a 6 anos passa a ser chamada de educação infantil. Em 1988, a Constituição define creche/pré-escola como direito de família e dever do Estado em oferecer esse serviço. Em 1990, essa lei é ratificada no Estatuto da Criança e do Adolescente, que define a criança como sujeito de direitos. Em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), fica garantida a educação infantil, como primeira etapa da educação básica e, a LDB, ao mesmo tempo estabelece a necessidade de formação para o profissional da educação infantil. Com isso, a educação infantil passou a integrar-se aos ensinos fundamental e médio. Só então a educação infantil ganhou uma dimensão mais ampla dentro do sistema educacional. Todavia, fazer parte da educação básica envolve novos desafios. Para Cerisara (1999, p.15), o primeiro desafio é:

[...] como transformar as instituições de educação infantil em um nível de ensino, sem que elas reproduzam ou tragam para si as práticas desenvolvidas no ensino fundamental? A preocupação com este aspecto pode ser vislumbrada na própria redação do texto final da LDB em que está escrito que a educação básica consiste em três níveis de ensino: a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Falar em educação e não em ensino foi a forma encontrada para não reforçar a concepção instrucional escolarizante presente nos demais níveis de ensino e indicar urna proposta de trabalho com crianças cuja especificidade requer uma prevalência do educativo sobre o instrucional, ou seja, mais do que nível de ensino, estas instituições devem realizar um trabalho contemplando e priorizando os processos educativos que envolvem as crianças como sujeitos da e na cultura com suas especificidades etárias, de gênero, de raça, de classe social. Para enfrentar este desafio é preciso ter claro que o trabalho junto às crianças em creches e pré-escolas não se reduz ao ensino de conteúdos ou disciplinas, ou de conteúdos escolares que reduzem e fragmentam o conhecimento, mas implica trabalhar com as crianças pequenas em diferentes contextos educativos, envolvendo todos os processos de constituição da criança em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, expressivas, culturais, interacionais.

Nesse cenário, a partir dessa nova concepção de educação infantil como primeira etapa da educação básica, aliadas as mudanças ocorridas nas sociedades em geral, na estrutura familiar, bem como o surgimento de novos papéis para mulheres, mães, homens e pais, a educação infantil passa a ter outra função social. Mas, com as transformações no que diz respeito às políticas públicas da educação de crianças na primeira infância, o que hoje podemos caracterizar como função social da educação infantil? Essas questões pressionam uma revisão e reformulação da função social das instituições de educação infantil, assim

como na relação família-estado quanto à responsabilidade pelo cuidado e pela educação dessas crianças.

Ana Beatriz Cerisara (1999, p. 12), indica que:

A compreensão de que as instituições de educação infantil têm como função educar e cuidar de forma indissociável e complementar as crianças de 0 a 6 anos é relativamente recente. Para que se possa avançar na compreensão do uso destes dois termos - educar e cuidar - é preciso lembrar, mesmo que brevemente, a forma como creches e pré-escolas surgiram e se consolidaram no Brasil. Durante as últimas décadas, foi possível constatar duas formas de caracterização dos diferentes tipos de trabalhos realizados em creches e em pré-escolas: por um lado, havia as instituições que realizavam um trabalho denominado "assistencialista" e, por outro, as que realizavam um trabalho denominado "educativo".

O cuidar e educar são indissociáveis e esta díade vem sendo compreendida à medida que a prática educativo-pedagógica intencionalmente orientada contempla os tempos e espaços das e, para as crianças na primeira infância. Cuidar e educar são procedimentos que a professora de educação infantil realiza simultaneamente, desde que esta possua conhecimento e desenvolva ações integradas para efetivar sua prática. Kuhlmann (1999, p. 60) contribui com essa reflexão ao afirmar:

A caracterização da instituição de educação infantil como lugar de cuidado-e-educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formulação de propostas pedagógicas. Adotar essa caracterização como se fosse um dos jargões do modismo pedagógico, esvazia seu sentido e repõe justamente o oposto do que se pretende. A expressão tem o objetivo de trazer à tona o núcleo do trabalho pedagógico consequente com a criança pequena. Educá-la é algo integrado ao cuidá-la.

Dessa forma, tendo como central o cuidado e a educação, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, vem delineando seus objetivos, buscando respeitar os direitos fundamentais das crianças garantindo uma formação integral, ou seja, contemplando as diferentes dimensões humanas (linguística, intelectual, expressiva, emocional, corporal, social e cultural).

Em contexto de educação infantil as relações educativas, as regras de convívio social, habilidades de convívio coletivo fazem parte do cotidiano dos sujeitos envolvidos. Sendo que essas relações acontecem de forma a promover a socialização dos bebês, das crianças bem pequenas e das crianças pequenas. Por ser coletivo, esse espaço torna-se um lugar

privilegiado de encontro entre os pares, de criação, de resignificação, de construção e apropriação da cultura.

Enquanto construção social, a infância deve ser reconhecida em sua heterogeneidade, fatores como classe social, etnia, gênero, religião, determinam a constituição das diferentes infâncias e de suas culturas. Foi necessário, ao longo do tempo, ser criado um campo específico para a educação infantil, devido às suas especificidades, tendo como ênfase a educação e não o ensino, isso porque o foco não está nos processos ensino-aprendizagem e sim nas relações educativo-pedagógicas.

Na educação infantil o conhecimento é mais do que a apropriação de conceitos específicos; são experiências concretas e abstratas juntas simultaneamente. É o espaço de ampliação de possibilidades de conhecimento, por meio de propostas intencionalmente orientadas, considerando o contexto de cada indivíduo pertencente ao processo. Nesse sentido, Coutinho e Rocha (2007) indicam que uma Pedagogia da Infância toma “[...] como objeto de preocupação os processos de constituição do conhecimento pelas crianças, como seres humanos concretos e reais, pertencentes a diferentes contextos sociais e culturais também constitutivos de suas infâncias”.

Pensar a infância como condição social amplia nossas possibilidades de olhar para as crianças. Eloisa Rocha (2012, p.15), ao indicar uma Pedagogia da Infância afirma:

A consolidação de uma Pedagogia da Infância (e não uma Pedagogia da Criança, tal com nas pedagogias liberais), exige, portanto, tomar como objeto de preocupação os processos de constituição do conhecimento pelas crianças, como seres humanos concretos e reais, pertencentes a diferentes contextos sociais e culturais também constitutivos de suas infâncias. A construção deste campo poderá diferenciar-se na medida em que considere as diferentes dimensões humanas envolvidas na construção do conhecimento e os sujeitos históricos “objetos” da intervenção educativa e supere uma visão homogênea de criança e infância.

Nesse sentido, a prática educativo-pedagógica intencionalmente orientada tem a necessidade de conhecer as crianças envolvidas nesse processo, observá-las e refletir sobre suas manifestações para então compreender as diferentes infâncias e vivências que fazem parte da bagagem delas. Assim, poder possibilitar novas experiências, contemplando os sujeitos envolvidos e tudo que trazem consigo.

4.2 Orientações Curriculares e Educação Infantil

De acordo com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Aurélio B. De Hollanda Ferreira), o significado da palavra currículo é: Descrição do conjunto de conteúdos ou matérias de um curso escolar ou universitário. Isso posto, o desafio do campo da educação infantil é estruturar um currículo que rompa com uma tendência conteudista e numa perspectiva instrucional como no ensino fundamental e médio. Algumas discussões acerca da construção desse documento orientador da prática educativo-pedagógica foram criadas, com a finalidade de não pender para a escolarização das crianças em contexto de educação infantil.

Diante disso, podemos indicar que o processo de ensino aprendizagem, numa perspectiva instrucional e de educação como via de mão única, recorrente no ensino fundamental e médio, não dá conta das especificidades do processo educativo que acontece em contexto de educação infantil. Isto não significa que não há conhecimento e aprendizagem no universo da educação infantil, mas que os conhecimentos e as aprendizagens estão ligados aos processos integrais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia e o imaginário.

Por isso, a indicação do documento (BRASIL, 1996, p. 19), é que muitas são as definições para currículo, sendo essa carregada de sentidos construídos em tempos e espaços sociais distintos, mas que independente do termo que se utilize, na educação infantil o que torna relevante o processo educacional-pedagógico não é o produto final, se vai ou não aprovar, mas sim todas as vivências que poderão se tornar experiências significativas, pois partirão das necessidades de determinado grupo de crianças, das relações que estabelecem com o meio natural e social, pelas relações sociais múltiplas entre as crianças e destas com diferentes adultos. Coutinho e Rocha (2007, p. 10), entendem que:

[...] as bases para os projetos de educação na pequena infância não se resumem aos conteúdos escolares restritos a uma “versão escolarizada”, pois toda e qualquer aprendizagem é consequência das relações que as crianças estabelecem com a realidade social e natural, no âmbito de uma infância determinada.

Nos últimos anos, muitas questões relativas a currículo (elaboração, implementação e legislação), têm suscitado discussões. Políticas públicas voltadas para a legitimação da educação infantil como primeira etapa da educação básica foram criadas, mas nesse

movimento surge a necessidade de se pensar em como o trabalho com crianças pequenas deva ser estruturado para que não seja voltado para o mero ensino de conteúdos, numa perspectiva instrucional. Dessa forma, fez-se necessário propor e experimentar caminhos, em vez de pretender trazer saídas prontas. Sônia Kramer (1997, p. 21), indica que:

[...] se é função de uma política pública indicar diretrizes, ela precisa garantir as condições de implementá-la, assumindo que não há uma única saída, pretensamente melhor, mas múltiplas alternativas possíveis; e, além disso, contestar a busca desmedida e ilusória do futuro como superação, posto que seu preço tem sido o esquecimento da história, o congelamento do presente e a anulação das experiências vividas, desmobilizando as possibilidades de efetiva mudança, de transformação radical das condições que engendrariam, a partir do velho, o novo.

Nessa perspectiva, a consolidação da educação infantil e as mudanças de concepções com relação às infâncias, ao papel do Estado e da sociedade para com a educação das crianças pequenas, tencionaram renovações nos paradigmas na educação, bem como contribuíram para elaboração de bases curriculares e a elaboração de uma legislação educacional capaz de concretizar essas mudanças.

Todavia, nesse percurso, assim como indica Kramer (1997, p.19), é preciso que uma proposta pedagógica ou proposta curricular seja construída nesse percurso e não como algo dado *a priori*:

Uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar. Uma proposta pedagógica é construída no caminho, no caminhar. Toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada. Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta. E essa sua fala é a fala de um desejo, de uma vontade eminentemente política no caso de uma proposta educativa, e sempre humana, vontade que, por ser social e humana, nunca é uma fala acabada, não aponta “o” lugar, “a” resposta, pois se traz “a” resposta já não é mais uma pergunta. Aponta, isto sim, um caminho também a construir.

Assim, no campo da educação infantil, se propõem que as orientações curriculares não se constituam em um documento padronizador, mas que possibilite e incentive a ação pedagógica reflexiva, que considere os diferentes contextos e realidades, que contemple as crianças e suas infâncias, assim como a bagagem cultural que trazem consigo.

Por isso, a necessidade em se constituir um campo para a educação de crianças na primeira infância. A Pedagogia da Infância, preocupa-se com os processos de constituição do

conhecimento das crianças como seres humanos concretos e reais, pertencentes a diferentes contextos sociais e culturais também constitutivos de suas infâncias.

As práticas educacionais intencionalmente orientadas influenciam na significância das vivências das crianças, pois é por meio dessas relações sociais que as crianças, desde bem pequenas, estabelecem com as professoras e as outras crianças constroem suas identidades pessoais e sociais. Ou seja, a medida que as crianças interagem, expressam sentimentos, exploram o mundo, estabelecem relações reverberam e implicam em conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural. Sobre a importância da Pedagogia da Infância para a educação infantil, Coutinho e Rocha (2007, p. 3) ressaltam que:

Uma Pedagogia da Infância, comprometida, definirá as bases para um projeto educacional-pedagógico, para o cumprimento de sua função educativa de ampliação e de diversificação dos conhecimentos e experiências infantis. Mas, para exercer esta tarefa não basta conhecermos as crianças (padronizadas e uniformizadas) ou estudar os modelos e métodos para ensinar os “conteúdos”. A auscultação das crianças implica em desdobramentos na prática pedagógica que, associada ao conhecimento sobre os contextos educativos, permite o permanente dimensionamento das orientações e das práticas educativo-pedagógicas dirigidas a elas. A aproximação às crianças e às infâncias concretiza um encontro entre adultos e a alteridade da infância. E exige ainda que eduquemos o nosso olhar, a fim de rompermos com a relação verticalizada, passando a constituir a relação na qual adultos e crianças compartilham amplamente sua experiência de viver parte de suas vidas nas creches e pré-escolas.

Dessa forma, documentos orientadores das práticas educativo-pedagógicas na educação infantil vêm sendo construídos para suprir a necessidade desse campo de romper com as duas concepções de educação historicamente presentes na constituição da educação infantil: a assistencialista e a escolarizante. Romper com essas duas concepções de educação envolve delimitar a sua função social e sua especificidade, contemplando e considerando os sujeitos envolvidos no processo e seu contexto sócio-histórico cultural.

4.3 Diferenças em contexto de educação infantil: Diversidade, gênero, sexo e sexualidade

Diversidade, palavra bastante utilizada nos discursos sobre direitos e inclusão, vem nos mostrando diferentes facetas quando se trata de educação infantil. Quando nos referimos as diferentes crianças, a variedade de contextos sociais, as infâncias, estamos falando de diversidade. Mas como contemplar a diversidade existente em contexto de educação infantil, se não conhecemos e reconhecemos as diferenças?

Por um longo período foi desconsiderada a sexualidade na infância, porém com os avanços nas pesquisas nessa área, descobertas em relação a função sexual, vem mostrando que a sexualidade existe desde o princípio da vida. Que desde a tenra idade as crianças vêm expressando sua curiosidade sexual, expressas nas descobertas do próprio corpo e do corpo do outro, mediante brincadeiras e jogos. Quando nascemos é pelo corpo que o mundo é sentido, por isso desenvolver relações afetivas e a autoexploração é uma experiência fundamental na educação infantil, no sentido de possibilitar vivências de descobertas. Beauvoir (1967, p. 9), indica que:

Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto; na medida em que já se objetiva sua sensibilidade.

Não precisamos recuar tanto no tempo para encontrar formas variadas de organização social e de expressões culturais, no intuito de perceber que as diferenças sempre existiram. As diferenças físicas, étnicas, culturais, de gênero, etárias são um fato! Todavia, reconhecer a diversidade, no sentido de respeitá-la, é refletir e agir sobre os mecanismos sociais que transformam as diferenças em desigualdade, a ponto de negar a igualdade de direitos no respeito às diferenças. Ou seja, vai além de constatar que somos todos diferentes, é necessário identificar e corrigir ações reprodutoras de estereótipos padronizadores, de discriminação e de

desigualdades. Vencato (2014, p. 29), assinala que nesse contexto o desafio das unidades educativas:

[...] passa não apenas por reconhecer, mas também por falar sobre a diferença, entendê-la como um princípio estruturante da boa prática pedagógica e deixar de lado a visão de que ela só traz problemas para o interior da escola. Ainda é preciso que deixemos de lado ideias de que a escola não tem que lidar com a sexualidade e com outros marcadores sociais da diferença. A escola é um espaço importante da sociabilidade de crianças e adolescentes, e limar a instância dos desejos e afetividades desse espaço é uma forma de exclusão.

Nesse sentido, o espaço educativo-pedagógico no intuito de educar para emancipar, tem como função entender as diferenças e suas implicações na vida social. Nesta pesquisa nos concentramos no marcador social de gênero e discutiremos conceitos sobre identidade de gênero, sexo e sexualidade.

No que diz respeito a essas temáticas, houve e ainda há, uma relação importante entre a forma como essas são abordadas pelas ciências e perspectivas a partir do senso comum. Numa rápida incursão nesses conceitos, a definição do sexo biológico é uma tentativa de classificar as genitálias de alguém, dessa forma, ao nascer com uma vagina é considerada mulher, mas se nasce com um pênis é considerado homem. No entanto, esses conceitos já vêm apresentando controvérsias, devido às pessoas que nascem com os dois sexos.

O conceito de gênero diz respeito aos papéis femininos e masculinos construídos pela sociedade, nas diferentes culturas e contextos. A partir desse conceito, identidade de gênero se refere ao sentimento de pertencimento a partir do que está posto pela sociedade no que é ser uma mulher ou homem. Ainda nessa busca de definição conceitual, a sexualidade pode ou não ter a ver com o ato da relação sexual, no caso das crianças em contexto de educação infantil, sexualidade são as descobertas em relação ao seu corpo e ao corpo do outro, suas curiosidades e vontades.

No senso comum, sexualidade pode ser entendida muitas vezes como igual a sexo ou ao sistema reprodutor, mas estudos vem possibilitando outras perspectivas. Costa (2012, p. 83), contribui dizendo que:

[...] o reconhecimento de que a sexualidade, como fonte de prazer e de comunicação, é uma componente positiva e de realização no desenvolvimento pessoal e nas relações interpessoais; para isso é necessário que haja [...] a valorização das diferentes expressões da sexualidade, nas várias fases de desenvolvimento ao longo da vida; respeito pela pessoa do outro, quaisquer que sejam as suas características físicas e a sua orientação sexual; a promoção da

igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos; respeito pelo direito à diferença; reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento afetivo e amoroso na vivência da sexualidade; reconhecimento que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de atitudes responsáveis no relacionamento sexual.

Diante disso, é possível ampliar o olhar em relação às manifestações da sexualidade e considerar a sexualidade como uma forma de comunicação nos diferentes níveis da educação básica, incluindo a educação das crianças pequenas. Considerando a sexualidade como forma de comunicação em contexto de educação infantil, questões relacionadas à diversidade, isso também inclui gênero e identidade de gênero, podem ser abordadas não como uma temática que em algum momento deve ser trabalhada com as crianças, mas como pertencente às diferentes vivências do cotidiano. Para Joan Scott (1990, p. 13), a categoria gênero:

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Por essa perspectiva gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que por sua vez, se constituem no interior de relações de poder. Louro (2000, p. 9), indica que:

[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Dessa forma, identidade de gênero se refere ao gênero que a pessoa se identifica, a partir do que foi constituído culturalmente pela sociedade, sendo que pelas relações sociais que cada pessoa vai identificando a sua identidade, ou seja, remete à constituição do sentimento individual de identidade.

Portanto, diferentes concepções no que diz respeito às categorias de gênero, identidade de gênero, sexo e sexualidade ainda vem sendo discutidas e, assim devem continuar, para que a compreensão e o respeito às diferenças sejam considerados na sociedade como um todo e, principalmente, nos espaços educativos, no qual tem como função social formar sujeitos críticos e que respeitem a diversidade.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

Com o intuito de alcançar os objetivos traçados para essa pesquisa que consistem em analisar os documentos orientadores da educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, buscando localizar as presenças e ausências das discussões de gênero, sexo e sexualidade e suas implicações para a prática educativo-pedagógica, definimos como metodologia a pesquisa documental, recorrendo à Técnica de Análise de Conteúdo.

Compreendemos metodologia como os caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou seja, dos instrumentos utilizados para se fazer a pesquisa ou estudo. Para Minayo (2009, p. 15), [...] a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

As pesquisas podem ser classificadas de acordo com seus fins ou meios empregados, podendo ser quantitativas ou qualitativas. As pesquisas qualitativas procuram interpretar, compreender ou descrever determinados acontecimentos atuando por meio de técnicas e procedimentos diversos, diferente das pesquisas quantitativas que consideram que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las.

Esta pesquisa será em caráter qualitativo devido aos objetivos já traçados, pois como indica Minayo (2009, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. Diante disso, optamos em desenvolver essa pesquisa a partir de **Pesquisa Documental** em caráter **Qualitativo** utilizando a **Técnica de Análise de Conteúdo**, que tem como foco principal a “exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (MINAYO, 2009, p. 79).

Seguindo ainda as contribuições de Minayo (2009), a Análise de Conteúdos é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, na qual podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado.

Para fazer a pesquisa documental nos concentramos nos documentos orientadores mais recentes da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: a) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), composta por 36 páginas, dividida em 15 tópicos; b) Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2012), organizado num livro de 264 páginas, dividido em 4 partes, que contemplam as Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, conceitos sobre a Brincadeira, os Núcleos da Ação Pedagógica e as Estratégias da Ação Pedagógica; c) o Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015), organizado num livro composto por 172 páginas, nas quais conceitos sobre a Brincadeira, Estratégias da Ação Pedagógica e os Núcleos da Ação Pedagógica são abordados nas diferentes idades: bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.

Vamos selecionar por meio da Técnica de Análise de Conteúdo as palavras na busca: crianças, meninos, meninas, diversidade (marcador social), gênero, sexo, sexualidade, masculino, feminino, masculinidade, feminilidade, mulher e homem. Sendo que a partir dessa pesquisa será feita uma reflexão sobre as implicações das presenças e ausências dessas palavras nos documentos orientadores para a prática educativo-pedagógica das professoras em contexto de educação infantil.

6 GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS

O presente capítulo trata da descrição dos dados e discussão dos resultados obtidos nos documentos selecionados a partir da busca das palavras-chave definidas. Os dados encontrados na busca feita nos documentos selecionados a) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009); b) Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2012); c) Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015), estão registrados no Apêndice A². A partir da localização das palavras-chaves: *crianças, meninas, meninos, diversidade, gênero, sexo, sexualidade, masculino, feminino, masculinidade, feminilidade, mulher e homem*, examinamos tanto a quantidade de vezes que as palavras aparecem no texto, bem como suas ausências e, não menos importante, o contexto em que essas temáticas apareceram nos documentos, para então refletir sobre as implicações das presenças e/ou ausências para a prática educativo-pedagógica das professoras em contexto de educação infantil.

A análise dos três documentos nos permite identificar que a denominação **crianças** aparece 1.713 vezes nos documentos, sendo 56 vezes no texto das DCN de 2009, 1.101 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 556 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

Diante disso, a denominação *criança* é utilizada quando se refere aos sujeitos da educação infantil, sendo eles meninos ou meninas, como mostram os seguintes trechos:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009, p.12)

A roda da conversa (ou da novidade) é uma prática muito presente em nossas instituições sendo, muitas vezes, realizada de modo corriqueiro, sem uma organização cuidadosa. Ela, muitas vezes, é compreendida como espaço e tempo de apresentação de assuntos, de atividades a serem realizadas no decorrer do período ou do desenvolvimento das etapas de um projeto, onde quase sempre essa

² Em apêndice segue o quadro completo com o conjunto de excertos localizados nos documentos a partir das buscas das palavras-chave utilizadas.

comunicação fica focada nos discursos das professoras, cabendo às crianças apenas ouvirem (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.103)

Planejar situações em que as crianças reconheçam o seu corpo e experimentem os diferentes sentidos através de: músicas que façam referência às partes do corpo, banho de mangueira, piscina, diferentes tipos de massagens (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.162)

Os excertos localizados evidencia que os documentos, fazem em sua maioria uma referência genérica às crianças, ou seja, apresentam uma concepção de criança como sendo universal, muitas vezes não contemplando, nem mencionando as questões de gênero, suas diferenças e especificidades.

A palavra **meninas** aparece 42 vezes nos documentos orientadores selecionados na pesquisa, sendo 1 vez no texto das DCN de 2009, 26 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 15 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

A palavra **meninos** aparece 43 vezes nos documentos orientadores selecionados na pesquisa, sendo 1 vez no texto das DCN de 2009, 26 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 16 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

É relevante salientar que o aparecimento das palavras meninos e meninas aumentaram das DCN para as Orientações Curriculares para a Educação Infantil, mas diminuíram dessas para o Currículo da Educação Infantil, como mostram os trechos a seguir, “*Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil*” (BRASIL, 2009, p.31), e:

Ou seja, é preciso observar que mesmo que a instituição de Educação Infantil se de uma estrutura onde há várias crianças sob a responsabilidade de poucos adultos profissionais, os meninos e meninas que fazem parte dela, possuem jeitos, ritmos e rituais próprios, constituídos em outros espaços sociais, que necessitam ser reconhecidos e respeitados. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.72)

Pensar em espaços que sejam híbridos significa marcá-los com aspectos que se misturam, se alteram, formam outras possibilidades. Assim, os materiais para as brincadeiras das crianças, não precisam estar separados de forma imperativa, classificando aquilo que é considerado de menina ou de menino. Podemos pensar em espaços que possam ter elementos diversos a se relacionarem entre si, a partir das ações que as crianças possam exercer sobre estes. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 60)

Nesses trechos, fica demarcado o respeito aos diferentes gêneros, contemplando não somente determinadas características biológicas, mas sim, sujeitos sociais, constituídos e

pertencentes a uma cultura, gênero e identidade de gênero. São os marcadores sociais sendo considerados nos documentos legítimos e orientadores da prática educativo-pedagógica.

A palavra **diversidade** aparece 46 vezes nos documentos orientadores selecionados na pesquisa, sendo 1 vez no texto das DCN de 2009, 29 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 16 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015. Diante disso, é possível perceber que abrange não somente o respeito à diversidade, mas também para se referir às diferentes culturas dos meninos e meninas em contexto de educação infantil, como mostram os trechos abaixo:

Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades de diálogo e conhecimento da diversidade. (BRASIL, 2009, p.26)

Seu objetivo se pauta na identidade pessoal-cultural, no reconhecimento das diferentes formas de organização social, no respeito à diversidade, nas manifestações culturais e normas de funcionamento grupal e social. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.17)

Planejar os espaços com as crianças, contemplando o cuidado com os objetos e materiais, o acesso e a disposição dos brinquedos (bonecas, jogos, carros, louças, bolas, mobiliário, redes), considerar a diversidade étnica, de gênero, social e cultural na seleção e criação das imagens que irão compor os cenários deste espaço, valorizando a autoria e a percepção estética. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 109)

Dessa forma, é possível perceber que a denominação diversidade vem sendo utilizada, algumas vezes, não somente denotando o reconhecimento e respeito para com as diferenças, mas para dar conta dos debates atuais no que diz respeito às etnias, culturas, gênero e geração, ou seja, aos marcadores sociais.

A palavra **gênero** aparece 22 vezes nos documentos orientadores selecionados na pesquisa, sendo 1 vez no texto das DCN de 2009, 9 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 11 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015. Além disso, a palavra gênero aparece mais 37 vezes se referindo a um conjunto de objetos com as mesmas características, como mostram nos trechos a seguir:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.29)

O espaço não é composto apenas pelos elementos físico materiais, ou seja, por objetos ou móveis, mas também por imagens, odores, sons e sabores, que também educam e nos formam em nossa subjetividade e coletividade. Assim, a organização de elementos que oportunizam o contato com odores (cheiros de origens diversas – café, canela, lavanda, ervas, livros com cheiro, comidas etc), com sons (das músicas de diferentes gêneros, de objetos que provocam sons e ruídos - telefone, instrumentos musicais, despertador, sinos, campainhas.) com sabores (na organização de diferentes momentos com a culinária) possibilita às crianças e adultos a ampliação de suas formas relacionais, principalmente, no contato com o diverso.(FLORIANÓPOLIS, 2012, p.90)

Sendo que nos trechos abaixo vamos considerar somente no contexto que se refere essa pesquisa:

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade, do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (BRASIL, 2009, p.17)

Enquanto construção social, a infância deve ser reconhecida em sua heterogeneidade, considerando fatores como classe social, etnia, gênero, religião, como determinantes da constituição das diferentes infâncias e de suas culturas. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.14)

Garantir, aos meninos e meninas, ações de cuidado e consolo sem distinção de gênero (como nas situações que envolvem manifestações de choros, nos momentos de atenção com o corpo, como pentear os cabelos, trocar de roupa, entre outros). (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)

Por esse ângulo é possível perceber que a palavra gênero, nos diferentes sentidos, vem sendo utilizada nos documentos orientadores da prática educativo-pedagógica, mas sem aprofundamento às questões de gênero (masculino e feminino) e identidade de gênero.

A palavra **sexo** aparece 3 vezes nos documentos orientadores selecionados na pesquisa, sendo que não é utilizado no texto das DCN de 2009 e nem no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 3 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015, nos seguintes trechos:

Propor brincadeiras por meio da organização do espaço, brinquedos, objetos, jogos e enredos, de modo que os meninos e as meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)

Promover o acesso de crianças maiores, de ambos os sexos, nas visitas e interações com bebês. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.47)

Proporcionar brincadeiras diversas e jogos, através da organização do espaço, de brinquedos, de objetos e enredos, de modo que meninos e meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.55)

A palavra **sexualidade** aparece 3 vezes nos documentos orientadores definidos para a pesquisa, sendo que não é utilizado no texto das DCN de 2009, 3 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e nenhuma vez no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015, como mostram os trechos a seguir:

Deve-se observar e mediar situações de desrespeito, por exemplo, a condição de ser menino ou menina - quando há mediações entre meninos e meninas de maneira a garantir o envolvimento destes em situações diversas, sem distinção a sua sexualidade brincar de boneca, rolar pneu, brincar de carrinho). (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.66)

Nosso corpo, assim como o de cada criança, traz consigo e comunica não somente características e semelhanças físicas, biológicas. Ele carrega marcas, fala que somos, o que experienciamos em relação a gênero, etnia, religião e sexualidade. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.154)

[...] o que também exige discutir no coletivo da instituição e com as famílias os modos como meninos e meninas estão descobrindo a sensualidade do corpo e como estão construindo relações de gênero e sexualidade e buscando, quando necessário, uma intervenção ética e cuidadosa para com as crianças. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.157)

A palavra **masculino** aparece 4 vezes nos documentos orientadores selecionados para a pesquisa, sendo que não é utilizado no texto das DCN de 2009, nem no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 3 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

A palavra **feminino** aparece 3 vezes nos documentos orientadores definidos para a pesquisa, sendo que não é utilizado no texto das DCN de 2009, nem no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 4 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

Romper com as práticas (atitudes e linguagem) que reforçam modelos únicos de expressão do feminino e do masculino. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)

Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores- rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)

Dispor, no espaço, fantasias, adereços, objetos, sapatos, para que meninas e meninos, em suas brincadeiras possam trocar e experimentar diferentes papéis sociais relacionados ao feminino e masculino. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.60)

As palavras **masculinidade** e **feminilidade** não aparecem nos textos dos documentos orientadores que selecionamos nessa pesquisa.

A palavra **mulher** aparece 7 vezes nos documentos orientadores selecionados na pesquisa, sendo 1 vez no texto das DCN de 2009, 3 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 3 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação. (BRASIL, 2009, p. 7)

Muitas famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, ou compostas por uniões homossexuais, ou ramificadas por novas uniões, entre outras formas de constituição. São formações muitas vezes conhecidas pelas instituições, mas nem sempre legitimadas na forma como as tratamos. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.68)

Optamos por utilizar o termo profissionais no feminino pela presença majoritária de mulheres na Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.10)

A palavra **homem** aparece 4 vezes nos documentos orientadores selecionados para a pesquisa, sendo que não é utilizado no texto das DCN de 2009, 2 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e 2 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

Dispor aos bebês imagens de diferentes origens, (através de móveis ou exposições pelo ambiente) com mulheres, homens, meninos, meninas, bebês, idosos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, hindus, latinos, europeus, africanos, pessoas com deficiência, dentre outras, de maneira a possibilitar a construção de referências quanto à diversidade humana. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.44)

Dispor, pelo espaço da sala, ao alcance das crianças revistas, jornais e livros de diversos gêneros, com imagens que contemplem a diversidade: étnico, cultural, geracional e de gênero. É importante que as crianças possam ter acesso a imagens de bebês, crianças, jovens, adultos, idosos, mulheres, homens, pessoas com deficiência, negros, negras, indígenas, asiáticos, etc. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 52)

Desde bebês, as crianças vão constituindo modos de observar e atuar no mundo, elaborando por sua ação, certos conceitos e habilidades. Isso ocorre pela exploração, manipulação e contemplação dos vários elementos que compõem o mundo, seja os da natureza, seja os produzidos pelo homem. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.202)

Nesse último excerto, é possível perceber que a palavra homem é utilizada de forma a universalizar a humanidade, sendo os sujeitos homens e mulheres. Isto é, não há a diferenciação entre os gêneros.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esse trabalho, tínhamos como intenção, identificar as ausências e/ou presenças das concepções de gênero, diversidade, sexo e sexualidade em contexto de educação infantil, objetivando, compreender as implicações dessas ausências e/ou presenças nos documentos orientadores para a prática educativo-pedagógica das professoras que atuam com bebês, crianças pequenas e crianças bem pequenas.

Agora, tendo finalizado essa pesquisa, chegamos a alguns pontos que pretendemos trazer para o debate, procurando criar inquietudes também nas professoras que utilizam esses documentos orientadores como instrumento de formação para a prática educativo-pedagógica.

Ao examinar o caminho percorrido na escrita dessa pesquisa até este momento procuramos, nestas considerações finais, levantar esses pontos e fazer ligações que consideramos pertinentes.

A escolha pela realização da pesquisa utilizando os documentos orientadores mais recentes para a primeira etapa da educação básica, a educação infantil, é por acreditarmos que a formação das professoras precisa ser constante, mas com embasamento teórico de qualidade, que qualifique o trabalho com os meninos e meninas em contexto de educação infantil. Nesse sentido, a expectativa é que, essa pesquisa possa contribuir para uma não acomodação de nosso olhar perante situações e relações em que haja a reprodução de estereótipos no que diz respeito a gênero, diversidade, sexo e sexualidade.

Ao analisar o quadro geral do levantamento (Apêndice A), no qual se encontram os trechos dos textos nos documentos orientadores que foram identificadas as palavras: *crianças, meninas, meninos, diversidade, gênero, sexo, sexualidade, masculino, feminino, masculinidade, feminilidade, mulher e homem*, é possível perceber que com o passar do tempo e com debates mais recentes, as questões de gênero e diversidade vem sendo contempladas com mais frequência. Essa referência as particularidades denota uma tendência, mesmo não sendo gritante, a uma diminuição da universalização dos sujeitos em contexto de educação infantil, referindo-se mais vezes a meninos e meninas.

As palavras sexo e sexualidade impressionam por sua ausência, podendo elas serem mencionadas com mais frequência nos documentos orientadores selecionados, pois esses são

influenciadores da prática educativa-pedagógica, uma vez que os documentos orientadores são fazem parte da formação continuada das professoras da rede municipal de ensino de Florianópolis.

Com isso, fica o indicativo despertado em mim de futuras pesquisas, para dar continuidade as análises aqui feitas, no intuito de contribuir para a formação das professoras e professores que atuam com os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas em contexto de educação infantil.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2ª ed., 1967.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05/2009 – Câmara da Educação Básica. Brasília, 2009.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em Educação Infantil**. Brasília: MEC, p.1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica - Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas para a Educação Infantil**. Brasília 2009.
- CERISARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil**. In: Revista Perspectiva, V.17 , Florianópolis, 1999..
- COSTA, Paula Cristina de Almeida. **Sexualidade na Primeira Infância um Percorso que se Inicia na Família**. In: Contexto e Educação. Editora Unijuí, Ano 27, nº 88 Jul./Dez. 2012
- COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin; ROCHA, Eloísa Acires Candal. **Bases Curriculares para a Educação Infantil? Ou isso ou aquilo**. In: Revista Criança. Brasília: MEC. Vol. 43, Agosto / 2007.
- FLORIANÓPOLIS. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis, SC: Prelo, 2012.
- _____. **Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Betim, MG: CGP Solutions, 2015.

KRAMER, Sônia. **Propostas Pedagógicas ou Curriculares: subsídios para uma leitura crítica.** In: Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 60, dezembro/1997.

KUHLMANN JR. Moysés. **Educação infantil e currículo.** In: FARIA, Ana Lúcia; PALHARES, Marina. Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios. Campinas, São Paulo: Autores Associados, p. 51-65. 1999.

_____. **Histórias da educação infantil brasileira.** Revista Brasileira de Educação. N. 14, 5-18. 2000.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para a Educação Infantil.** In: FLORIANÓPOLIS. Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora Ltda, 2010

SAYÃO, Deborah Thomé. **A construção da identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar a prática pedagógica da educação infantil.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 5, p. 1-14, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

MISKOLCI, Richard; LEITE, Jorge. **Diferenças na Educação: outros aprendizados.** São Carlos: EdUFSCar: 2014.

APÊNDICE A – Palavras-chave de busca nos documentos orientadores

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
<p>Crianças</p>	<p>A palavra crianças aparece 56 vezes no texto das DCN de 2009 e apresentamos aqui no quadro apenas 2 registros:</p> <p>“Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade” (BRASIL, 2009, p.12)</p> <p>“Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância” (BRASIL, 2009, p. 17)</p>	<p>A palavra crianças aparece 1.101 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012 e apresentamos aqui no quadro apenas 2 registros:</p> <p>“A comunicação atravessa todos os espaços e tempos em que adultos e crianças estão juntos e/ou quando as crianças estão somente entre elas” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.98)</p> <p>“A roda da conversa (ou da novidade) é uma prática muito presente em nossas instituições sendo, muitas vezes, realizada de modo corriqueiro, sem uma organização cuidadosa. Ela, muitas vezes, é compreendida como espaço e tempo de apresentação de assuntos, de atividades a serem realizadas no decorrer do período ou do desenvolvimento das etapas de um projeto, onde quase sempre essa comunicação fica focada nos discursos das professoras, cabendo às crianças apenas ouvirem” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.103)</p>	<p>A palavra crianças aparece 556 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015 e apresentamos aqui no quadro apenas 2 registros:</p> <p>“Planejar situações em que as crianças reconheçam o seu corpo e experimentem os diferentes sentidos através de: músicas que façam referência às partes do corpo, banho de mangueira, piscina, diferentes tipos de massagens” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.162)</p> <p>“Organizar, com as crianças, os espaços internos e externos que proporcionem brincadeiras para que estas brinquem sozinhas ou em grupo” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.167)</p> <p>A palavra crianças aparece mais 2 vezes, mas não no contexto dessa pesquisa.</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
<p>Meninas</p>	<p>A palavra meninas aparece 1 vez no texto das DCN de 2009. Segue abaixo o registro:</p> <p>“Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil” (BRASIL, 2009, p. 31)</p>	<p>A palavra meninas aparece 26 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Incentivar, meninos e meninas, desde pequeninhos, a experimentar e compartilhar as mais diversas experiências de brincadeira, propondo espaços ricos em possibilidade lúdicas, prevendo tempos para brincar e principalmente não enclausurando a brincadeira aos tempos e espaços fragmentados dentro de uma rotina pré-definida e homogênea” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.54)</p> <p>“Ao olharmos a composição dos grupos infantis nas instituições de educação infantil, não estamos apenas frente a um conjunto de crianças e adultos com determinadas características biológicas, mas sim, frente a sujeitos sociais, constituídos e pertencentes a uma etnia, a uma geração, a um gênero, a uma cultura. Aspectos que atravessam a composição das relações, e a própria constituição do ser humano. Meninas, meninos, negros, brancos, asiáticos, indígenas, brasileiros, estrangeiros, moradores e moradoras do interior da ilha ou do centro urbano, católicos, evangélicos, do candomblé... sujeitos constituídos por fatores socioculturais que os tornam, ao mesmo tempo, seres únicos e também com características comuns que os identificam a determinados grupos sociais” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.9)</p> <p>“Ainda que as crianças façam parte de uma mesma sociedade, morem na mesma cidade ou bairro, os seus</p>	<p>A palavra meninas aparece 15 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Garantir a igualdade no tratamento aos meninos e às meninas da Educação Infantil” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores- rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Propor brincadeiras por meio da organização do espaço, brinquedos, objetos, jogos e enredos, de modo que os meninos e as meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Garantir, aos meninos e meninas, ações de cuidado e consolo sem distinção de gênero (como nas situações que envolvem manifestações de choros, nos momentos de atenção com o corpo, como pentear os cabelos, trocar de roupa, entre outros)” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Proporcionar, nos momentos de higiene, a expressão da igualdade de direitos para meninos e meninas, construindo uma imagem positiva e de aprendizagem do autocuidado, para ambos” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
<p>Meninos</p>	<p>A palavra meninos aparece 1 vez no texto das DCN de 2009. Segue abaixo o registro:</p> <p>“Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil” (BRASIL, 2009, p. 31)</p>	<p>A palavra meninos aparece 26 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Incentivar, meninos e meninas, desde pequeninhos, a experimentar e compartilhar as mais diversas experiências de brincadeira, propondo brincadeiras, estruturando espaços ricos em possibilidade lúdicas, prevendo tempos para brincar e principalmente não enclausurando a brincadeira aos tempos e espaços fragmentados dentro de uma rotina pré-definida e homogênea” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.54)</p> <p>“Ao olharmos a composição dos grupos infantis nas instituições de educação infantil, não estamos apenas frente a um conjunto de crianças e adultos com determinadas características biológicas, mas sim, frente a sujeitos sociais, constituídos e pertencentes a uma etnia, a uma geração, a um gênero, a uma cultura. Aspectos que atravessam a composição das relações, e a própria constituição do ser humano. Meninas, meninos, negros, brancos, asiáticos, indígenas, brasileiros, estrangeiros, moradores e moradoras do interior da ilha ou do centro urbano, católicos, evangélicos, do candomblé... sujeitos constituídos por fatores socioculturais que os tornam, ao mesmo tempo, seres únicos e também com características comuns que os identificam a determinados grupos sociais” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.59)</p> <p>“Ainda que as crianças façam parte de uma mesma sociedade, morem na mesma cidade, os pais, os avós,</p>	<p>A palavra meninos aparece 16 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Garantir a igualdade no tratamento aos meninos e às meninas da Educação Infantil” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores- rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Propor brincadeiras por meio da organização do espaço, brinquedos, objetos, jogos e enredos, de modo que os meninos e as meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Garantir, aos meninos e meninas, ações de cuidado e consolo sem distinção de gênero (como nas situações que envolvem manifestações de choros, nos momentos de atenção com o corpo, como pentear os cabelos, trocar de roupa, entre outros)” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Proporcionar, nos momentos de higiene, a expressão da igualdade de direitos para meninos e meninas, construindo uma imagem positiva e de aprendizagem do autocuidado, para ambos” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
<p>Diversidade</p>	<p>A palavra diversidade aparece 1 vez no texto das DCN de 2009. Segue abaixo o registro:</p> <p>“Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades de diálogo e conhecimento da diversidade” (BRASIL, 2009, p.26)</p>	<p>A palavra diversidade aparece 29 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Seu objetivo se pauta na identidade pessoal-cultural, no reconhecimento das diferentes formas de organização social, no respeito à diversidade, nas manifestações culturais e normas de funcionamento grupal e social” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.17)</p> <p>“possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.30)</p> <p>“Garantir, às crianças com necessidades especiais, a acessibilidade aos espaços, materiais, objetos, brinquedos, de modo a permitir sua condição de sujeitos ativos e a ampliar suas possibilidades de ação nas brincadeiras, isso se torna possível a medida que o espaço é estruturado considerando a diversidade de necessidades das crianças, que os objetos atendam as suas demandas e que as relações com as crianças sejam mediadas de modo cuidadoso pelas profissionais” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.53)</p> <p>“Assim, qualquer iniciativa educativa, nesse caso por parte dos profissionais da educação infantil, deve levar em conta a diversidade de contextos nos quais as crianças se inserem, e os modos como é manifestada e respeitada a condição heterogênea dos grupos dos quais fazem parte” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.54)</p>	<p>A palavra diversidade aparece 16 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Disponibilizar objetos e brinquedos para exploração e para as brincadeiras das crianças que deem visibilidade e revelem a diversidade de culturas, por exemplo: livros, rede, bonecas brancas, negras, indígenas, orientais (algumas podem ser confeccionadas com tecido, com as crianças e com as famílias), instrumentos musicais, tecidos de texturas e origens diferentes” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.28)</p> <p>“Selecionar e dispor objetos e brinquedos para exploração e ampliação das brincadeiras das crianças, com o intuito de dar visibilidade e valorizar a diversidade étnica e cultural” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.37)</p> <p>“Disponibilizar bonecas e bonecos com traços que valorizem e deem visibilidade às diferentes origens étnicas, com o objetivo de reconhecer a diversidade” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.37)</p> <p>“A instituição, em seu caráter laico, deve respeitar as diferentes opções em torno da religiosidade das famílias (ateus, agnósticos, diferentes religiões), não privilegiando ou desqualificando qualquer destas manifestações, tratando-as sob o prisma da diversidade cultural” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.40)</p> <p>“Planejar, intencionalmente, os momentos de integração com as crianças e/ou com as famílias nas unidades educativas, primando pelo respeito à diversidade e ao conhecimento das diferentes culturas” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.41)</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
<p>Gênero</p>	<p>A palavra gênero aparece 1 vez no texto das DCN de 2009. Segue abaixo o registro:</p> <p>“Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade, do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.” (BRASIL, 2009, p.17)</p> <p>A palavra gênero aparece mais 2 vezes, mas não no sentido em que se refere essa pesquisa.</p>	<p>A palavra gênero aparece 9 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Enquanto construção social, a infância deve ser reconhecida em sua heterogeneidade, considerando fatores como classe social, etnia, gênero, religião, como determinantes da constituição das diferentes infâncias e de suas culturas” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.14)</p> <p>“construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.27)</p> <p>“Por exemplo, se a professora observa que ao brincar as crianças reproduzem estereótipos de gênero, ela pode intencionalmente organizar espaços com elementos que provoquem as crianças a externalizarem seu ponto de vista, para que outras crianças, ou mesmo para que ela, possa mediar esse posicionamento, ou ainda mais pontualmente apresentar uma história, um vídeo que traga para as crianças outros referenciais e as ajudem a elaborar outros conceitos em torno desses estereótipos” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.51)</p> <p>“Ao olharmos a composição dos grupos infantis nas instituições de educação infantil, não estamos apenas frente a um conjunto de</p>	<p>A palavra gênero aparece 11 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Terceiro, as crianças vivem processos de socialização diversos, (situadas em diferentes famílias, comunidades e atravessados por aspectos concernentes ao gênero, à etnia, à classe social) ainda que possam viver em uma mesma cidade ou sociedade, o que implica pensar a heterogeneidade constitutiva dos grupos de que estas fazem parte” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.34)</p> <p>“Assim, ao tratarmos das relações sociais e culturais como um núcleo de ação pedagógica, desejamos que estes enunciados possam: dar visibilidade e reconhecer as crianças como seres singulares e sociais; respeitar a identidade e a diferença delas e entre elas, de forma que isto não signifique a reprodução das desigualdades sociais; contribuir para novas formas de sociabilidade humana comprometidas com a democracia, com a cidadania, com a dignidade humana e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (BRASIL, 2009)” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.35)</p> <p>“Os indicativos que compõem este núcleo envolvem aspectos a serem considerados e observados nas relações constituídas diariamente com as crianças nas unidades educativas, quais sejam, a igualdade de gênero, as diferenças étnico-raciais, a educação laica, a educação especial, as</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
Sexo	A palavra <u>sexo</u> não aparece no texto das DCN de 2009.	A palavra <u>sexo</u> não aparece no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.	<p>A palavra <u>sexo</u> aparece 3 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Propor brincadeiras por meio da organização do espaço, brinquedos, objetos, jogos e enredos, de modo que os meninos e as meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes <u>brincadeiras</u>, independentemente do <u>sexo</u>” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Promover o acesso de crianças maiores, de ambos os <u>sexos</u>, nas visitas e <u>interações</u> com bebês” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.47)</p> <p>“Proporcionar brincadeiras diversas e jogos, através da organização do espaço, de brinquedos, de objetos e enredos, de modo que meninos e meninas tenham a possibilidade de experimentar diferentes <u>brincadeiras</u>, independentemente do <u>sexo</u>” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.55)</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
Sexualidade	A palavra <u>sexualidade</u> não aparece no texto das DCN de 2009.	<p>A palavra <u>sexualidade</u> aparece 3 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Deve-se observar e mediar situações de desrespeito, por exemplo, a condição de ser menino ou menina - quando há mediações entre meninos e meninas de maneira a garantir o envolvimento destes em situações diversas, sem distinção a sua sexualidade brincar de boneca, rolar pneu, brincar d e carrinho)” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.66)</p> <p>“Nosso corpo, assim como o de cada criança, traz consigo e comunica não somente características e semelhanças físicas, biológicas. Ele carrega marcas, fala que somos, o que experienciamos em relação a gênero, etnia, religião e sexualidade” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.154)</p> <p>“[...] o que também exige discutir no coletivo da instituição e com as famílias os modos como meninos e meninas estão descobrindo a sensualidade do corpo e como estão construindo relações de gênero e sexualidade e buscando, quando necessário, uma intervenção ética e cuidadosa para com as crianças” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.157)</p>	A palavra <u>sexualidade</u> não aparece no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
Masculino	A palavra <u>masculino</u> não aparece no texto das DCN de 2009.	A palavra <u>masculino</u> não aparece no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.	<p>A palavra <u>masculino</u> aparece 3 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Romper com as práticas (atitudes e linguagem) que reforçam modelos únicos de expressão do feminino e do masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores- rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Dispor, no espaço, fantasias, adereços, objetos, sapatos, para que meninas e meninos, em suas brincadeiras possam trocar e experimentar diferentes papéis sociais relacionados ao feminino e masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.60)</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
Feminino	A palavra feminino não aparece no texto das DCN de 2009.	A palavra feminino não aparece no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.	<p>A palavra feminino aparece 4 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Optamos por utilizar o termo profissionais no feminino pela presença majoritária de mulheres na Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.10)</p> <p>“Romper com as práticas (atitudes e linguagem) que reforçam modelos únicos de expressão do feminino e do masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores- rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas/calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.36)</p> <p>“Dispor, no espaço, fantasias, adereços, objetos, sapatos, para que meninas e meninos, em suas brincadeiras possam trocar e experimentar diferentes papéis sociais relacionados ao feminino e masculino” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.60)</p>
Masculinidade	A palavra masculinidade não aparece no texto das DCN de 2009.	A palavra masculinidade não aparece no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.	A palavra masculinidade não aparece no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.
Feminilidade	A palavra feminilidade não aparece no texto das DCN de 2009.	A palavra feminilidade não aparece no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.	A palavra feminilidade não aparece no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
<p>Mulher</p>	<p>A palavra mulher aparece 1 vez no texto das DCN de 2009. Segue abaixo o registro:</p> <p>“O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação” (BRASIL, 2009, p.7)</p>	<p>A palavra mulher aparece 3 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Muitas famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, ou compostas por uniões homossexuais, ou ramificadas por novas uniões, entre outras formas de constituição. São formações muitas vezes conhecidas pelas instituições, mas nem sempre legitimadas na forma como as tratamos” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.68)</p> <p>“Selecionar as imagens expostas nos ambientes da instituição, de maneira a oportunizar a inclusão da diversidade nestas. Com os bebês, por exemplo, a confecção de móveis, ou a exposição de gravuras com pessoas ou crianças, deve incluir imagens de mulheres, homens, meninas, bebês, idosos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, hindus, latinos, europeus, africanos, pessoas com deficiência, de maneira a possibilitar desde cedo, a construção de referências quanto à diversidade social” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.84)</p> <p>“Que visão os meninos têm da dança? Trazem preconceitos e /ou frases prontas do tipo “dança é coisa de mulher?”” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.172)</p>	<p>A palavra mulher aparece 3 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Optamos por utilizar o termo profissionais no feminino pela presença majoritária de mulheres na Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.10)</p> <p>“Disponibilizar aos bebês imagens de diferentes origens, (através de móveis ou exposições pelo ambiente) com mulheres, homens, meninas, bebês, idosos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, hindus, latinos, europeus, africanos, pessoas com deficiência, dentre outras, de maneira a possibilitar a construção de referências quanto à diversidade humana” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.44)</p> <p>“Disponibilizar, pelo espaço da sala, ao alcance das crianças revistas, jornais e livros de diversos gêneros, com imagens que contemplem a diversidade: étnico, cultural, geracional e de gênero. É importante que as crianças possam ter acesso a imagens de bebês, crianças, jovens, adultos, idosos, mulheres, homens, pessoas com deficiência, negros, negras, indígenas, asiáticos, etc” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.52)</p>

Palavras-chave de busca	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
Homem	A palavra homem não aparece no texto das DCN de 2009.	<p>A palavra homem aparece 2 vezes no texto das Orientações Curriculares para a Educação Infantil de 2012.</p> <p>“Selecionar as imagens expostas nos ambientes da instituição, de maneira a oportunizar a inclusão da diversidade nestas. Com os bebês, por exemplo, a confecção de móveis, ou a exposição de gravuras com pessoas ou crianças, deve incluir imagens de mulheres, homens, meninos, meninas, bebês, idosos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, hindus, latinos, europeus, africanos, pessoas com deficiência, de maneira a possibilitar desde cedo, a construção de referências quanto à diversidade social” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.84)</p> <p>“Desde bebês, as crianças vão constituindo modos de observar e atuar no mundo, elaborando por sua ação, certos conceitos e habilidades. Isso ocorre pela exploração, manipulação e contemplação dos vários elementos que compõem o mundo, seja os da natureza, seja os produzidos pelo homem” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p.202)</p>	<p>A palavra homem aparece 2 vezes no texto do Currículo da Educação Infantil de 2015.</p> <p>“Disponibilizar aos bebês imagens de diferentes origens, (através de móveis ou exposições pelo ambiente) com mulheres, homens, meninos, meninas, bebês, idosos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, hindus, latinos, europeus, africanos, pessoas com deficiência, dentre outras, de maneira a possibilitar a construção de referências quanto à diversidade humana” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.44)</p> <p>“Disponibilizar, pelo espaço da sala, ao alcance das crianças revistas, jornais e livros de diversos gêneros, com imagens que contemplem a diversidade: étnico, cultural, geracional e de gênero. É importante que as crianças possam ter acesso a imagens de bebês, crianças, jovens, adultos, idosos, mulheres, homens, pessoas com deficiência, negros, negras, indígenas, asiáticos, etc” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.52)</p>

Fonte: Elaborada pela autora - 2016